

PRÁTICAS PATRIMONIAIS



**TERRITÓRIOS &
REFERÊNCIAS CULTURAIS**



**SANTA CRUZ do ESCALVADO
CAMINHOS E ENCONTROS**

PRÁTICAS PATRIMONIAIS

**TERRITÓRIOS &
REFERÊNCIAS CULTURAIS**

**SANTA CRUZ do ESCALVADO
CAMINHOS E ENCONTROS**

SANTA CRUZ DO ESCALVADO 2024

FICHA TÉCNICA

Esta publicação tem a cooperação da UNESCO no âmbito do projeto “Construção da paz e do diálogo para o desenvolvimento sustentável das regiões atingidas pela barragem de Fundão: fortalecendo a capacidade institucional e de implementação de ações da Fundação Renova”, o qual tem o objetivo de implementar e sistematizar ações estratégicas em projetos de reparação e compensação voltados para as comunidades atingidas pelo desastre ocorrido com o rompimento da barragem de Fundão (MG), com vistas ao desenvolvimento sustentável. As indicações de nomes e a apresentação desta publicação não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites. As ideias e opiniões expressas nesta publicação são as dos autores e não refletem obrigatoriamente as da UNESCO nem comprometem a Organização.

Pesquisa Histórica: Maria Alice Braga

Produção Textual: Maria Alice Braga | Marilêne A. Marinho

Coordenação Editorial | Revisão de Conteúdo: Marilêne A. Marinho

Colaboração e Revisão: Fundação Renova e Unesco

Projeto Gráfico: Luiz Augusto da Costa

Revisão de textos: Pedro Vianna

Edição: Quantum Projetos

Fotografias: Maria Alice Braga | Acervo Fundação Renova

Colaboração: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer de Santa Cruz do Escalvado

1ª edição 2024

Esta publicação não pode ser comercializada.

Catálogo na Publicação (CIP)

P912 Práticas patrimoniais : territórios & referências culturais : Santa Cruz do Escalvado : caminhos e encontros / Maria Alice Braga, Marilêne A. Marinho (produção textual). - 1. ed. - Belo Horizonte : [Quantum Projetos], 2024.
88 p. : il. foto. color. ; 21x21 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-93889-15-8

1. Santa Cruz do Escalvado (MG) - História 2. Cidades e Vilas (Minas Gerais) - História 3. Patrimônio cultural - Proteção I. Braga, Maria Alice, 1961- II. Marinho, Marilêne A, 1976-

CDD: 918.51

Bibliotecária responsável: Fernanda Gomes de Souza CRB-6/2472

Introdução



As cartilhas **“Práticas Patrimoniais: Territórios & Referências Culturais”** fazem parte das iniciativas de Educação Patrimonial desenvolvidas pela Fundação Renova, em cooperação com a Unesco, no contexto do Plano de Reparação das Referências Culturais das comunidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão.

Os textos e as imagens que compõem estas publicações difundem conhecimento sobre aspectos característicos da história e da cultura das comunidades que se desenvolveram nas planícies e baixadas ao longo dos rios Gualaxo, Carmo e Doce e que foram atingidas de diferentes maneiras.

Contemplando cada uma das localidades de abrangência do Plano de Reparação, em volumes específicos, as cartilhas destacam as principais referências culturais desses territórios, reveladas por meio de testemunhos de seus moradores, como as festas e as celebrações tradicionais, a arquitetura, as paisagens e os lugares de afeto, o artesanato e a culinária, dentre outros saberes e fazeres ancestrais.

Além de ser uma fonte de conhecimento e de valorização da cultura local, esta publicação configurou-se como uma importante ferramenta didática a ser utilizada na prática da Educação Patrimonial destinada a um público diverso, seja no universo escolar, seja nos diferentes espaços de convivência dessas comunidades.

Esperamos que essa iniciativa favoreça a ampliação da consciência sobre a riqueza e a importância da história e da identidade de cada um desses territórios. E que igualmente fortaleça, em cada comunidade, o sentido de pertencimento, o apreço pelas tradições e legados culturais, estimulando o exercício pleno da cidadania.

Apresentação



“Santa Cruz do Escalvado – Caminhos e Encontros” é o convite desta cartilha para que possamos todos adentrar e conhecer os muitos caminhos e lugares que fazem parte do território de Santa Cruz do Escalvado.

A proposta é apresentar os valores e pertencimentos de comunidades, seus patrimônios edificados e naturais, seus saberes, fazeres e as formas de se expressarem! Todos carregados de importâncias e significados.

As estradas são muitas. Entre curvas e morros, rios e plantações, diferentes lugares se descortinam, cada qual com suas características próprias, seus costumes, tradições e culturas que somam conhecimento, solidariedade e comunhão de crenças.

O rio Doce, seus afluentes e o povo morador de suas beiradas são todos protagonistas desta história. É uma viagem que desvenda valores e esperanças, encontros necessários para existir com respeito e dignidade!

Índice

Entendendo o que é:	
– “Referências Culturais” e “Educação Patrimonial”	8
Um pouco de História	10
Em Santa Cruz do Escalvado, a Festa de Santa Cruz	11
O Encontro de Cavaleiros de Santa Cruz do Escalvado	12
COMUNIDADE DE SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – MERENGO	13
COMUNIDADE DE PEDRA DO ESCALVADO	24
DISTRITO DE NOVA SOBERBO	32
COMUNIDADE DE JERÔNIMO	46
COMUNIDADE DE VIANA	56
COMUNIDADE DE LIMOEIRO	68
Glossário	76
Referências Bibliográficas	81

Entendendo o que é:

– “Referências Culturais” e “Educação Patrimonial”



Para conhecer um povo e, sobretudo, para que esse povo se reconheça em toda a sua complexidade e riquezas, é necessário percorrer caminhos. O primeiro é através da História. Como surgiu, quais personagens desbravaram suas terras e as ergueram, que ações e feitos atravessaram séculos ressignificando valores.

O segundo caminho é sua cultura. Ela possibilita entender os valores que foram sendo construídos com o passar do tempo e que, fruto da ação humana, constituem a essência dos lugares, traduzida na identidade e vocação.

Nesse contexto, convidamos o leitor a explorar os sentidos e significados que surgem da interseção entre a História e a Cultura, pois é nesse entrelaçamento que se desvendam as camadas mais profundas da identidade de uma sociedade e se revela a riqueza de suas tradições e valores.

Referência cultural: é um termo que engloba diversos aspectos da vida social que ganham destaque em razão dos sentidos e valores de importância diferenciada atribuídos pela comunidade. Esses aspectos incluem festas, celebrações, saberes e modos de fazer, formas de expressão, paisagens, lugares e edificações. Entre as muitas categorias que compõem o conjunto das Referências Culturais, destacam-se o artesanato, a culinária típica, as práticas agrícolas e pesqueiras tradicionais, o ofício da benzeção, as festas dos santos padroeiros, as celebrações populares, o congado, as folias de reis, a capoeira, as bandas de música e outras manifestações culturais que são cruciais para a identidade das comunidades que as produzem e vivenciam.

Educação patrimonial: trata-se de um “conjunto de ações destinadas a proporcionar à comunidade os meios para participar, em todos os níveis, do processo de discussão sobre o patrimônio cultural local, de modo a garantir que a reflexão dos conteúdos culturais se faça a partir dos valores próprios da comunidade.” (IPHAN, 2014)

Um pouco de História ...

O município de **Santa Cruz Cruz do Escalvado**, localizado na Zona da Mata mineira, tem origem no século XIX, com sua história confirmada pela data de construção da capela para Santa Cruz, 1823, segundo o Cônego Raimundo Trindade. O povoamento da região teve início com a implantação de muitas fazendas em torno da majestosa Pedra do Escalvado que, imponente, pode ser avistada de muitos pontos da região. O solo fértil e as grandes áreas para lavouras e pastos, além do grande potencial de água dos muitos rios que percorrem a região, tornaram o território atrativo.

Santa Cruz do Escalvado foi distrito de Ponte Nova durante muito tempo. Em 27 de dezembro de 1948 foi oficialmente tornado município, com três distritos definidos: Santa Cruz do Escalvado, São Sebastião do Soberbo e Zito Soares. O vasto território que ocupa soma comunidades, às vezes diferentes em suas devoções e fazeres, mas muito parecidas na força de trabalho e disposição para plantar, regar e cuidar de sua terra.

Santa Cruz é venerada na região. Em cada lugar que se vá, um olhar atento pode enxergar uma cruz pendurada, toda enfeitada, nas casas e espaços pelo caminho! É o Sagrado protegendo, mostrando a força da fé e da simplicidade nessas terras banhadas pelo rio Doce e repletas de riquezas.



Em Santa Cruz do Escalvado, a Festa de Santa Cruz



A Festa de Santa Cruz é uma celebração muito importante no município de Santa Cruz do Escalvado – evento de fé e preservação dos valores da comunidade e de todo o entorno, desde os tempos de sua fundação.

O dia de Santa Cruz é celebrado em 14 de setembro e, há um tempo, a festa começa com a realização de uma novena na Igreja Matriz de Santa Cruz. Nesse dia, os festejos de Santa Cruz têm início com a “Alvorada”, às 6h da manhã, realizada pela banda de música da cidade – a Filarmônica de Santa Cruz do Escalvado.

Às 15 horas é realizada uma carreata, que percorre as principais ruas da cidade. Em seguida vem a bênção dos carros na porta da Igreja Matriz. Às 18 horas acontece a celebração de uma missa e a realização da procissão luminosa. O final das celebrações acontece nas barraquinhas, com comidas e bebidas típicas preparadas pelos moradores.

Em Santa Cruz do Escalvado, a cruz tem significado especial, já que dá nome ao município. De acordo com a História, a primeira capela existente foi a de Santa Cruz, a Padroeira local. “Escalvado” veio da grande pedra que marca a paisagem da região, com seus 200 metros de altura e vegetação rarefeita, o que justifica o nome.

A primeira Capela, do século XIX, foi erigida em 1823 pelo Padre Bernardino José da Silva, por provisão episcopal do Frei José da Santíssima Trindade, 4º Bispo de Mariana, em honra à Santa Cruz. Esses religiosos também alteraram o calendário de celebrações. A festa de Santa Cruz, que acontecia em 03 de maio, foi transferida para o dia 14 de setembro, justificada pela Igreja Católica por se celebrar neste dia a Exaltação da Santa Cruz.

O Encontro de Cavaleiros de Santa Cruz do Escalvado



O Encontro de Cavaleiros de Santa Cruz do Escalvado marca o calendário do município, no mês de agosto, e reúne dezenas de cavaleiros e amazonas da região. A Cavalgada começou a ocorrer na sede do município no início dos anos 1980, por iniciativa de clubes de cavaleiros da região, na época, sem data fixa. Os cavaleiros desfilavam pelas ruas do distrito-sede, percorrendo também alguns trechos entre as comunidades, como Sagrado Coração de Jesus (Merengo) e Jerônimo. Nos anos 1990, a cavalgada foi assumida pela Prefeitura, passando a fazer parte do calendário anual do município.

No dia do evento, os cavaleiros se reúnem pela manhã no centro da cidade e dali seguem em direção à zona rural com destino à comunidade, previamente programada, onde adultos, jovens e crianças recebem a comitiva de cavaleiros e amazonas.

O término da Cavalgada acontece no parque de exposições, com uma confraternização entre os participantes. Nos dois finais de semana seguintes ocorrem as apresentações musicais, torneios e rodeio, todos no parque de exposições. Apresentações artísticas também fazem parte da programação em todo o período das festividades.

Desde 2020, a Festa do Peão Boiadeiro passou a compor a programação do evento, que a cada ano tem se tornado uma atração à parte, com grande presença de público, animação e valorização, tanto por parte de seus coordenadores como pela população em geral e pelos cavaleiros, os protagonistas do encontro!



**TERRITÓRIOS &
REFERÊNCIAS CULTURAIS**

**COMUNIDADE DE
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS - MERENGO**

Município de Santa Cruz do Escalvado

HISTÓRIAS E LEMBRANÇAS... ASSIM É MERENGO!



A comunidade de Sagrado Coração de Jesus, ou Merengo, como é conhecida, está localizada a 14 quilômetros da sede de Santa Cruz do Escalvado, que por sua vez fica a 13 quilômetros de Rio Doce. “Merengo” foi o apelido que a comunidade recebeu quando da visita de um grupo de jogadores de futebol, que encantados com as moças do lugar, as chamavam de “merengues”, numa alusão ao doce feito com claras de ovos, refinado, também conhecido como “suspiro”!

A rua que conduz ao núcleo urbano do lugarejo é marcada pela exuberância das folhagens e pela vegetação florida, cuidadosamente dispostas ao longo de suas laterais. O espaço urbano bucólico, de reduzidas proporções, é composto por uma pequena praça que abriga a capela e o Cruzeiro, circundada por um conjunto de casas.

A capela foi erguida nos primeiros anos da década de 1970, inicialmente dedicada a São José como santo padroeiro. No entanto, um episódio inusitado resultou na perda da imagem de São José, levando à adoção do Sagrado Coração de Jesus como o novo padroeiro da comunidade, o que culminou na mudança do nome oficial do lugar. Próximo à capela, encontra-se um pequeno Cruzeiro. Os terrenos ao redor da capela foram doados por Sr. Hilário e José Jales da Silva.



Segundo Zenilda José Gomes Rodrigues, nascida e criada na comunidade, o povoamento do lugar teve início a partir do desejo de sua bisavó, Maria da Conceição, de construir uma capela em devoção a São José, tarefa assumida por seu avô, Hilário Napoleão Firmino.

Ainda de acordo com ela, no passado, na época de seus avós e pais, manifestações culturais como a "Dança do Caboclo", a "Dança da Fita" e as rezas para Santa Cruz eram tradições muito marcantes em Merengo.

No “Mês de Maria”, como é conhecido o mês de maio, acontecia a coroação à Virgem Maria, feita pelas crianças.

Atualmente, os festejos juninos e a Festa do Sagrado Coração de Jesus são as duas principais festividades de Merengo: os festejos juninos, com barraquinhas e quadrilhas para Santo Antônio, São João e São Pedro, em junho, e a festa do Sagrado Coração de Jesus, que tem data móvel, podendo ocorrer em junho ou julho.



Para a festa do Sagrado Coração de Jesus é realizada a novena, que antecede a celebração. No dia da festa é celebrada a missa e em seguida a procissão com o andor. No mesmo dia acontece também o “desagravo”, que é a coroação da imagem do Sagrado Coração de Jesus, realizada por meninas e meninos, todos com roupas brancas e vermelhas. Eles oferecem a palma, o terço e a capa do Sagrado Coração de Jesus e cantam versos sacros!

Uma tradição apreciada nas festas populares de Merengo, segundo Zenilda Gomes, é a famosa “Broa de Arroz”, transmitida pelos antepassados da sua mãe, Dona Adeís Gomes de Sousa. Professora e narradora de histórias e tradições locais, Zenilda, mais conhecida como Rôxa, é uma das principais referências quando se trata de quitandas, merendas, receitas e métodos culinários típicos da localidade, habilidades que aprendeu com a mãe.

Com a abundância de milho e mandioca na região de Merengo, esses ingredientes se tornaram a base para a produção artesanal das quitandas: broas de fubá, biscoitos de polvilho e goma, pães, bolos, rosquinhas de nata e amoníaco. Rôxa relata que o fermento era produzido artesanalmente, um saber passado de geração em geração na comunidade. As receitas de quitandas tradicionais continuam a ser preparadas até hoje, preservando métodos que resistiram ao tempo e são passados adiante, representando a cultura local, carregada de valor e identidade.



CONHECENDO OS ARREDORES DE MERENGO...





Saberes & Fazeres



Em Merengo e arredores, os conhecimentos tradicionais permanecem vivos graças às mãos habilidosas de artesãos, como Angelito Gomes de Miranda, 60 anos, lavrador que, nas horas vagas, tece balaios. O conhecimento foi herdado do pai, o Sr. Gomes de Miranda.

Segundo Angelito, os balaios eram muito utilizados na região, quando havia grandes plantações de arroz, milho e feijão. Eram usados para a colheita dos grãos e para armazenar as produções. Por isso, eram bem grandes!

– *Eram grandes balaios... A gente passava bosta de boi misturada com terra de formiga no balaio e depois colocava no sol para secar... Aí, guardava no paiol... Isso era pra tampar os buracos e não derramar os mantimentos.*

Mesmo com a dificuldade de colher a taquara, Angelito tece diversos tamanhos de balaios e também sabe fazer o jequi, para pegar peixes.

Os usos da terra



Em Merengo, havia muitas produções e lavouras! Tinha os engenhos para fazer rapadura, e muita cana-de-açúcar plantada. Sem falar nas lavouras de café e dos muitos moinhos de fubá movidos a água! Com a mandioca, faziam farinha e polvilho. Agora, o que predomina é a criação de gado de corte.

Outra atividade desenvolvida na zona rural de Merengo é a produção de queijos e requeijão, de maneira artesanal e seguindo as antigas tradições.

O Sr. Geraldo Luís, 53 anos, e sua esposa, Vaneide Aparecida, vivem numa pequena fazenda em Merengo, onde todos os dias produzem cerca de 30 litros de leite e fabricam, à maneira tradicional, meia dúzia de queijos.



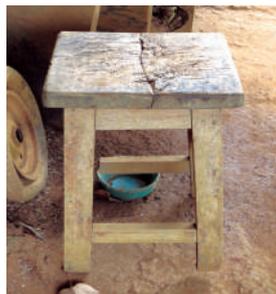
O casal também mantém em sua propriedade a criação de galinhas, porcos e gado de corte. Os queijos e requeijões são vendidos em Santa Cruz do Escalvado. O Sr. Geraldo Luís sempre viveu na roça, e diz:

– *A vida toda... Meu avô, meu pai, e ficou eu...*

Sempre tirou leite e, por algum tempo, entregava para a Porto Alegre, empresa de laticínios da região.

Antigamente, tinha carro de boi que ajudava nos trabalhos. Agora não usa mais. Tinha a junta de boi e arava a terra. Agora esse costume acabou. Tudo mudou!

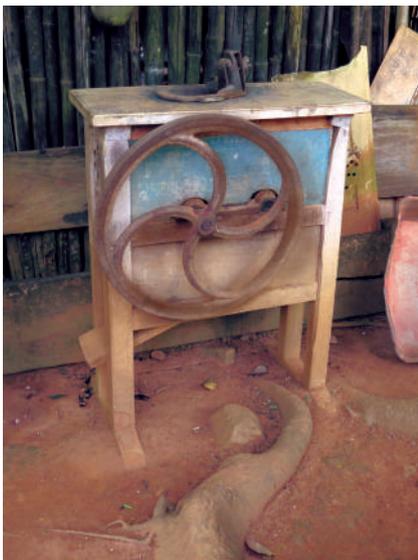
Marcenaria: ofício de tradição



O Sr. Nélio Turíbio da Silva mora com sua esposa, Dona Marlene Gomes da Silva, na zona rural, em um sítio cercado de muitas plantas e abundância de água. Sua profissão é pedreiro e marceneiro. Agora está aposentado.

Como pedreiro, trabalhou em muitos lugares fora de Merengo – Belo Horizonte, Governador Valadares e São Paulo. A marcenaria é sua paixão. Com a madeira já fez de tudo: bancos para capelas e igrejas, mesas, cadeiras, armários, guarda-roupas e até caixões. Nenhum móvel para ele é desafio. Começou menino no ofício; aprendeu com um experiente marceneiro. Sabe também a montagem de um moinho, fazer as engrenagens e a colocação das pedras. Outro conhecimento é a feitura das rodas e toda a composição de carros de boi. Antigamente, tinha um ferreiro na região e eles trabalhavam juntos na fabricação das rodas.

Hoje, o trabalho com a marcenaria apresenta dificuldades. A primeira delas é a falta de mão de obra especializada e poucas pessoas interessadas em aprender. A outra são as madeiras – peroba, canela, imbuia, canela amarela e ipê – todas escassas. Quando se encontra, os custos são muito elevados.



O Sr. Nélio fala do tempo em que se fazia muita rapadura e cachaça; foi a época das grandes plantações de cana. Também tiravam muito leite no sítio e participavam de uma associação de produtores de leite. Todos na região forneciam as produções para o laticínio Porto Alegre. Agora, segundo o Sr. Nélio, tudo está diferente: há muito gado nos pastos e poucas plantações; a produção de queijos também diminuiu. Mas o ofício da carpintaria, esse continua, mais devagar, em ritmo leve, igual à natureza. Tem planos de melhorar a oficina, de criar outras peças e viver! Simplesmente viver bem... com tranquilidade!





TERRITÓRIOS &
REFERÊNCIAS CULTURAIS



**COMUNIDADE DE
PEDRA DO ESCALVADO**

Município de Santa Cruz do Escalvado



A PEDRA, A UNIÃO E A LUZ... DO ESCALVADO

A comunidade tem este nome em função da enorme pedra que predomina na paisagem da região. Ela é a referência em Santa Cruz do Escalvado, sendo reconhecida como um verdadeiro cartão de visitas do município. Perto do asfalto tem um local para se chegar próximo a ela. Segundo os moradores, o acesso é muito difícil.

Os moradores da comunidade de Pedra do Escalvado contam e acreditam na lenda que reza que no dia primeiro para o dia dois de fevereiro, à meia-noite, Nossa Senhora da Luz passa pela pedra.

Meire conta a história assim:

– A luz passa bem devagarinho... no meio da pedra... É uma luzinha... Muita gente fala que essa pedra é cheia de mistérios!

Segundo ela, quando vai chover, uma fumaça, uma névoa, encobre a pedra, mas nunca se sabe onde cai a chuva!

Meire ainda completa:

– Tem gente que vê um rosto... Eu já olhei e não vi rosto nenhum lá na esquininha!

Outra informação é que a pedra tem uma gruta, e dizem que tem um buraco muito fundo lá, que jogando qualquer coisa não se ouve som lá embaixo...

Muitas pessoas já escalaram a pedra, e um grupo de pesquisadores da Universidade de Viçosa já esteve no local realizando estudos sobre ela.

Meire arremata a conversa dizendo:

– A pedra é companheira... Já teve água correndo lá... Falaram que era água santa... Agora acabou... É linda!... e é história nossa!



A celebração do Divino Espírito Santo...

A pequena capela da comunidade de Pedra do Escalvado tem o Divino Espírito Santo como padroeiro. Sua festa acontece 50 dias depois da Páscoa e é comemorada pela comunidade católica de Pedra do Escalvado. No dia anterior às celebrações, os moradores se reúnem à noite para o bingo, leilões e a subida do mastro. As prendas para o bingo e o leilão são ofertadas por todos que participam da festa. O dinheiro arrecadado vai todo para a manutenção da capela.

No dia da festa, as famílias da comunidade contribuem levando consigo uma variedade de pratos para compartilhar após as celebrações. Cada um oferece o seu melhor, contribuindo para um almoço coletivo que marca o encerramento do Dia do Espírito Santo, promovendo um momento de confraternização.



É festa o ano inteiro...



A comunidade se organiza para comemorar vários santos durante o ano. Começa em janeiro, no dia 20, com São Sebastião; tem o padroeiro, Divino Espírito Santo; depois tem Santo Antônio, São João, São Pedro, Nossa Senhora da Aparecida. São feitas as novenas para cada santo e no último dia de cada novena todos sempre levam algum lanche para a “confraternização”.

As celebrações incluem o levantamento de mastro e uma missa no dia de cada santo. A partilha de alimentos nos dias de festa é uma tradição na comunidade: uma mesa grande e farta é cuidadosamente preparada, convidando todos a se confraternizarem.

A comunidade de Pedra do Escalvado tem cerca de 50 famílias residentes, com uma presença notável de pessoas idosas. Elas compartilham uma forte união e, de acordo com o testemunho geral, dedicam-se mutuamente, uma vez que os jovens frequentemente deixam a comunidade em busca de oportunidades de emprego e renda.



Os usos da terra

O lugar é bem rural. Antigamente, predominavam lavouras de milho, feijão e amendoim e também rebanho leiteiro e produção de queijo. Hoje, estão preservados os quintais, com seus pomares e hortas. As produções atuais são para atender as necessidades e subsistência dos moradores.

Com o tempo, a escassez de mão de obra, reflexo do êxodo rural, e o predomínio da criação de gado alteraram significativamente a paisagem e os usos da terra em Pedra do Escalvado, como em toda a região do município de Santa Cruz do Escalvado.



Conhecimentos tradicionais... simpatias para curar

O Sr. Venceslau Cândido da Silva, conhecido como "Seu Lau", e Dona Ana Maria, sua esposa, conhecida como "Dona Nanhá", são moradores de Pedra do Escalvado. Muito gentis e hospitaleiros, contam da produção e da vida tranquila na comunidade. Dona Nanhá tira leite, torra café, faz quitandas para encher as latas, faz a farinha de fubá, doces e prepara um chá para "curar bronquite", "simpatia" que é feita na Semana Santa.

Ela explica:

– *Quem cura é Deus! Eu faço um chá... pra curar bronquite... na primeira sexta feira da mingunte! É uma simpatia... Mas é preciso acreditar!*

Dona Nanhá aprendeu a fazer o chá com Maria e Anita, tias de seu esposo "Lau":

– *Tem cinquenta anos que eu faço esse chá...*

Ao ensiná-la, as conhecedoras do chá lhe recomendaram:

– *Ô Nanhá, eu vou ensinar procê, porque o dia que eu for embora, se aparecer alguém... aí cê faz o chá!*

E Dona Nanhá confirma:

– *Aí eu aprendi... como se diz ...de um passou pro outro e eu acabei ficando nessa história...*



As quitandas de Dona Nhanhá...

... são de dar água na boca: rosquinhas, biscoitos doces, tarecos e uma iguaria de ovos muito leve! Dona Nhanhá costuma tirar o dia para fazer suas quitandas, assadas no “forno de Cupim” que fica na área externa da casa. Em uma só fornada, ela assa muitos tabuleiros! Depois, com a mesa posta e muita fartura, o aroma das quitandas é o convite ao café. Seu Lau, os amigos, filhos e filhas, vizinhas e a irmã Célia, que veio de São Paulo, todos se sentam à mesa e a prosa é garantida! Cultura e costumes se traduzem na riqueza e simplicidade do cotidiano.

A comunidade de Pedra do Escalvado procura manter suas tradições, preservar as amizades e suas crenças! Ambiente calmo, acolhedor e cheio de sabedorias preservadas! Solidariedade e união é a chave e uma experiência leve pra levar a vida!





**TERRITÓRIOS &
REFERÊNCIAS CULTURAIS**



DISTRITO DE NOVA SOBERBO

Município de Santa Cruz do Escalvado



Novo... Renascido... Soberbo!

O distrito de Nova Soberbo foi construído no início deste século, ação justificada pela necessidade de transferência do então distrito de São Sebastião de Soberbo para outro local, em função das obras para construção da Usina Hidrelétrica Risoleta Neves, um pouco abaixo da nascente do rio Doce.

A Usina foi concluída em 2003 e todas as estruturas da antiga comunidade foram demolidas. O cemitério foi preservado por estar situado em uma área mais elevada em relação ao nível da represa. O distrito de Nova Soberbo foi dotado de infraestrutura para manter sua organização urbana anterior, incluindo a igreja dedicada a São Sebastião, padroeiro local, uma escola, um salão comunitário, uma quadra esportiva, praças e um mirante.

Conhecendo alguns patrimônios materiais de Nova Soberbo...

A IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO



A mudança de território de São Sebastião do Soberbo trouxe a demanda e a urgência da construção de uma nova igreja dedicada ao padroeiro.

Erguida no nível mais alto do distrito, marca presença, com suas linhas retas e o estilo contemporâneo de sua arquitetura.

A comunidade apoia ativamente a igreja de São Sebastião em todas as suas atividades e compromissos. É um local essencial para reuniões e celebrações religiosas, atendendo também a outras demandas da população local e dos moradores de comunidades vizinhas. A Festa do Padroeiro, comemorada em 20 de janeiro ou no final de semana mais próximo, destaca-se como a principal celebração do calendário religioso católico na região. Esse evento representa um momento significativo de celebração e confraternização para a comunidade católica de Nova Soberbo e de localidades vizinhas, como Jerônimo, Viana e Pedra do Escalvado.

O MIRANTE DO DISTRITO DE NOVA SOBERBO

O Mirante de Nova Soberbo, erguido no ponto mais elevado da região, proporciona uma visão panorâmica em 360 graus, do Vale do rio Doce. Desta perspectiva, é possível contemplar a organização urbana da comunidade em toda a sua extensão.

A construção do Mirante teve como objetivo criar um espaço de visitação, de contemplação da paisagem e de confraternização – um ponto de encontro dos moradores.

Uma escadaria conduz até o mirante, onde se encontra uma estrutura em esqueleto, composta por pilares e vigas de concreto, sem paredes laterais e sem cobertura.

Quem lá se aventurar chegar, vai poder sentir e perceber o quanto a região é rica em paisagens!



ESCOLA E QUADRA



A Escola José Gomes de Souza, construída em 2003, está localizada no núcleo central de Nova Soberbo, ao lado da quadra comunitária, logo na chegada, à direita de quem vem pela estrada de Rio Doce.

O perímetro da escola é cercado por muros, que no final de 2022 foram transformados em belos painéis com imagens de patrimônios da região de Santa Cruz do Escalvado. Essa transformação nos muros da escola foi realizada no âmbito da oficina “Muros Pintados, Patrimônios Revelados”, uma iniciativa de educação para o patrimônio cultural promovida pela Fundação Renova em colaboração com a UNESCO, no contexto do Plano de Reparação das Referências Culturais das comunidades atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão. Essa arte mural chama a atenção dos visitantes, destacando-se como uma atração notável na comunidade.

A escola, destacada como referência cultural do distrito, atualmente atende alunos desde a pré-escola até o 9º ano do ensino fundamental. O ambiente escolar compreende um conjunto de salas de aula, biblioteca, refeitório, instalações sanitárias e uma quadra poliesportiva coberta. O espaço da escola, cuidadosamente mantido e dedicado a proporcionar um ensino de qualidade, não apenas atende aos alunos, mas também às famílias e residentes de Nova Soberbo. Ali são realizadas atividades para toda a comunidade, como cursos e oficinas culturais, eventos e festividades.

As celebrações acontecem...



Festa de São Sebastião – Uma tradição!

A festa de São Sebastião em Nova Soberbo era, há muito, realizada na antiga São Sebastião de Soberbo. Com a mudança de local do distrito, os ritos se mantiveram: os moradores continuam a rezar a novena, realizam a procissão da bandeira e participam da missa solene. Após a celebração, uma nova procissão acontece, desta vez acompanhando a imagem de São Sebastião e sua bandeira. As residências são adornadas com flores e toalhas nas janelas para saudar a passagem da imagem do Santo Padroeiro.

O dia de São Sebastião é celebrado em 20 de janeiro, mas em Nova Soberbo a comemoração em honra ao padroeiro acontece sempre no final de semana mais próximo desta data.

A Festa de São Sebastião – santo protetor dos animais e das plantações – reúne muitos fiéis de diversas comunidades: Viana, Sertão, Buraco, Pedra do Escalvado – e de outros municípios, como Ponte Nova e Rio Doce. É um momento esperado pelos fiéis, que não medem esforços para manter viva a tradição da festa. Além das doações de animais, como bezerros e galinhas, os fiéis contribuem com a doação de alimentos e/ou com recursos financeiros.

Um momento importante da festa é a tradição da ornamentação da bandeira, feita com papel de seda nas cores branca e vermelha, à maneira de como era na comunidade de São Sebastião do Soberbo. Outra tradição é a guarda da bandeira por outra comunidade, como Pedra do Escalvado ou Jerônimo, onde moradores ficam responsáveis pela bandeira durante todo o ano e na celebração a levam em procissão para a igreja de Nova Soberbo. O bingo e os leilões são também momentos importantes de conagração da festa.



O Mês de Maria é comemorado...

...Durante todo o mês de maio, a comunidade católica de Nova Soberbo se reúne em orações, reza o terço, a ladainha e o ofício de Nossa Senhora. Aos finais de semana acontecem as coroações: véu, palma, coroa e terço são ofertados a Nossa Senhora, com cantos de louvor, por meninas vestidas de anjo. Durante o mês, acontecem a procissão de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, a coroação e o levantamento do mastro e da bandeira. Barraquinhas com comidas típicas completam as comemorações.



Celebração à Nossa Senhora da Aparecida...

Outra celebração importante para Nova Soberbo é em homenagem à Nossa Senhora Aparecida, realizada no dia 12 de outubro.

A novena, que todos os anos antecede a festa, é realizada na igreja de São Sebastião, à noite. No dia da festa tem a celebração da missa e a procissão com o andor de Nossa Senhora, sempre todo ornamentado! Tem também os fogos ao meio-dia e às seis horas da tarde. Rituais, compromisso, alegria e fé mantêm a tradição!

A festa reúne fiéis das diversas localidades do entorno de Nova Soberbo, como Rio Doce, Santa Cruz do Escalvado, Sertão, Jerônimo e Pedra do Escalvado.

São formas de expressão de Nova Soberbo...

O Campo e o Time de Futebol



Em Nova Soberbo, o futebol é uma paixão que envolve, e muito, os moradores. As cores tradicionais do *Soberbo Futebol Clube* são o azul, o vermelho e o branco. O clube participa de torneios e campeonatos na região e já conquistou títulos como campeão municipal de Santa Cruz do Escalvado e de Rio Doce.

A mudança do antigo distrito para Nova Soberbo gerou a necessidade de instalações e readequação do clube à nova realidade local, bem como a construção do campo de futebol, com condições que favorecessem os treinamentos e o melhor desempenho do grupo.

O *Soberbo Futebol Clube* é um dos times mais tradicionais do município, assim como o time de Santa Cruz do Escalvado, o *Santa-cruzensense*. Atualmente, o clube investe em duas categorias: uma amadora, com jogadores com idades entre 18 e 29 anos, e uma máster, formada por veteranos.

Representantes da comunidade de Nova Soberbo e amantes do futebol na região têm se movimentado para agilizar a realização de novos campeonatos e incentivar a adesão de mais participantes, com o objetivo de preservar e valorizar essa modalidade de esporte que sempre esteve e está presente em toda a região do rio Doce.

O Quiosque do Lago

Um dia foi ponto de encontro e alegria para a região ...



Logo na saída de Nova Soberbo, atravessando a rodovia, chega-se ao espaço onde funcionou, durante um bom tempo, o *Quiosque do Lago*. Esta estrutura de lazer à beira da represa de Candonga atualmente encontra-se desativada.

O local foi construído pelo consórcio responsável pela implantação da Usina Hidrelétrica Risoleta Neves, em parceria com o poder público, como medida compensatória.

Com o tempo, aconteceu a parceria entre a família de Dona Lourdes e do Senhor Walter, moradores de Nova Soberbo e proprietários da Pousada Cachoeira Alta. Foram realizados investimentos no espaço, incluindo a aquisição de uma embarcação que veio de Pernambuco para viabilizar os passeios no lago. O local, denominado *Quiosque do Lago*, passou a funcionar como um dos principais pontos de encontro, lazer e diversão da região.

O *Quiosque do Lago* tinha a pesca no lago como principal atividade. O local contava com uma pista de caminhada, campo de futebol e oferecia outras opções de entretenimento durante o dia e à noite, com shows de artistas locais. A programação semanal no quiosque contemplava encontros musicais e danças, como o forró, todas as sextas-feiras. Esse espaço foi um ponto de encontro muito popular para os moradores de Nova Soberbo e das cidades vizinhas, promovendo significativas trocas culturais, encontros e diversão. Foi uma época de alegria, lazer e conexões, onde o rio e a natureza desempenhavam um papel central, sendo a essência que justificava tudo.

O rompimento da barragem de Fundão provocou um impacto significativo nesse cenário, resultando na perda da embarcação e no término das atividades que costumavam prosperar ali. Uma visita ao local torna evidentes essas transformações e a profunda mudança que ocorreu. Permanece a esperança de retorno desse espaço de lazer, da construção de novos laços das comunidades com o rio, a natureza e com dias melhores!

Saberes e fazeres de Nova Soberbo...

Os modos de fazer quitandas!



Rosemary Ezequiel de Barcelos, conhecida como “Zi”, 42 anos, é uma quitandeira muito conhecida em Nova Soberbo. Sua fonte de renda vem da diversidade de produtos que, com a experiência adquirida, foi desenvolvendo ao longo do tempo.

São bolos, salgados como coxinhas e empadas, rosquinhas de leite, pães e tortas salgadas. Os doces, como pudins e brigadeiros, fazem parte do cardápio. Tudo feito sob encomenda. Os compradores vão até à casa de “Zi” e, segundo ela, o que produz vende. Os conhecimentos dos tantos fazeres foram herdados de sua mãe, Dona Neuza Maria de Jesus, que lhe ensinou receitas de quitandas como biscoitos de polvilho e rosquinhas de leite. Outras receitas, saberes e fazeres, ela foi aprendendo com o tempo e com as oportunidades de aperfeiçoamento que apareceram.

“Zi” divulga seu trabalho pelas redes sociais, o que, segundo ela, ajuda muito na comercialização.

A delicadeza dos bolos em Nova Soberbo ...

Nova Soberbo guarda surpresas em seu pequeno distrito. Deliciosas surpresas! Uma dessas revelações são os bolos de Marta da Silva Barreto. Ela os faz pacientemente, agradando a todos os paladares, não só das pessoas de Soberbo, mas de toda a região. Aprendeu o ofício com sua mãe, Dona Cremilda Maria da Silva Barreto, em Pernambuco, sua terra natal.

O ofício veio pela necessidade de aumentar a renda familiar. A primeira fôrma de bolo foi uma panela de fazer arroz. O tempo, a qualidade do trabalho e a divulgação boca a boca dos seus produtos levou Marta a ter nesse saber/fazer a atividade de todos os dias e, sobretudo, o seu sustento.

O ganho lhe possibilitou adquirir todos os instrumentos necessários para se aprimorar cada vez mais. Optando sempre pela qualidade dos produtos na confecção das receitas, conquistou ainda mais aceitação. Atualmente, a clientela vem de diversas regiões, incluindo Santa Cruz do Escalvado, Rio Doce e Ponte Nova, em busca de novas encomendas.

Os recheios dos bolos são diversificados. Ficam à escolha do cliente: ninho trufado com morango, brigadeiro meio amargo, prestígio, doce de leite com ameixa, creme com abacaxi e coco e muitos outros. Com capricho, criatividade e muito sabor - e labor! -, "Marta dos Bolos" vem fazendo sucesso longe, e está toda prosa: "de Nova Soberbo para o mundo!...".



O requinte na fabricação artesanal de licores...



Maria Terezinha de Lana Carraro, moradora de Nova Soberbo, faz licores de frutas há mais de 25 anos. Aprendeu em um curso realizado pela EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), quando ainda morava em São Sebastião de Soberbo.

São mais de 20 os sabores de licor – uma bebida alcoólica adocicada que Dona Terezinha produz, por puro prazer e paixão pela arte de fazer as misturas, extrair essências das frutas e de tudo que possa virar licor: gengibre, açafraão, ervas e chás. Com sua paciência e precisão, Dona Terezinha transforma tudo em arte!

São muitas as frutas que, com a técnica certa, é possível desvendar a essência, e na mistura com calda de açúcar criar e apurar sabores.

Para quem vai comprar, a escolha de qual licor levar é difícil. Tem licor de manga, maracujá, goiaba, pequi, banana, acerola, carambola, abacaxi, cacau, limão, jenipapo, jabuticaba, gengibre, ervas de chás, funcho e groselha branca e verde.

Para a produção da bebida alcoólica adocicada, a alquimia é a arte da transformação: bater e moer a fruta do modo certo, deixar em infusão e, na espera prolongada e necessária, coar, espremer, fazer e tornar a fazer cada processo. E esperar...

A limpeza de tudo é parte essencial do processo e o segredo para o sucesso. Dona Terezinha é caprichosa! Ela confirma seu amor pelos licores. Depois que aprendeu, nunca mais ficou longe dos processos, e tem sempre muitas encomendas. Não para de fazer... E nem pode! Cada vez mais clientes chegam e demandam a bebida.

– O meu é fruta, mesmo... Quanto mais velho o licor fica, mais gostoso é! – confirma Dona Terezinha.

A arte de fazer abanos e trançados...



Silvino Palhares de Oliveira, 57 anos, nasceu e durante um tempo de sua vida foi morador de Pedra do Escalvado. Sua profissão é lavrador, já aposentado. Mora no distrito de Nova Soberbo há muitos anos.

Sabe tecer qualquer objeto que envolva a taquara. Aprendeu sozinho, observando seu pai. Segundo ele, o pai, o senhor Odílio Palhares de Oliveira, tentou lhe ensinar, mas não conseguiu. Então, ele, curioso das tramas, resolveu aprender sozinho.



Peneira e abano têm diferença. A peneira tem as “gretas” para sair as pedras; já no abano o fundo é para limpar arroz, e não pode ter nenhuma “greta”..

– Sua serventia é para limpar arroz – explica Silvino.

– Para o feijão, é a peneira. O abano é completamente fechado.

Silvino ensina como colher a taquara:

– Os velhos me diziam que para mexer com a taquara a melhor época mesmo é de maio até final do mês de agosto. No mês de maio as taquaras estão “madurando”.

Meses que não têm R são os melhores para mexer com a taquara, para não ter broca (um inseto que come a taquara). Silvino confirma:

– Quando começam as chuvas, solta os brotos das árvores e aí vêm as brocas.

As tramas, ele descreve, têm a forma de “escama”, o “xadrez”, trançado em M, e tem o desenho em flor. Existem diferentes taquaras: taquara-póca (lisa), preta, taquaruçu e cabeluda. A taquara preta e a taquara cabeluda são as melhores.

Silvino é mestre na arte de tecer. Seu conhecimento é vasto e ele é muito preciso no ensino. Mostra certeza em cada fala sobre as qualidades da taquara e de como ela pode ser usada e transformada!

Homem simples, conversa devagar e a cada frase mostra seu amor pelo ofício...





TERRITÓRIOS &
REFERÊNCIAS CULTURAIS

COMUNIDADE DE JERÔNIMO

Município de Santa Cruz do Escalvado



Entre fazendas e quintais... a comunidade de Jerônimo!

A comunidade de Jerônimo está localizada entre as comunidades de Limoeiro e Viana, sendo acessível por uma estrada de terra que liga à BR 120. Ela se encontra a aproximadamente 13 quilômetros da sede, Santa Cruz do Escalvado.

Sua primeira ocupação aconteceu, provavelmente, a partir de meados do século XVIII. Antigamente, havia mais plantações, onde se cultivava a cana, o feijão e o milho; agora, os pastos e bois predominam na paisagem. Algumas fazendas têm na produção leiteira o seu sustento. Plantações de eucalipto também completam a renda dos moradores.

Com uma única via de acesso, Jerônimo não possui um núcleo urbano – a estrada de terra percorre a região e faz a ligação entre várias propriedades rurais. As casas, acolhedoras, com grandes hortas e quintais, completam a paisagem!

As celebrações e a religiosidade na comunidade de Jerônimo...



Em Jerônimo os ritos acontecem nas casas dos moradores que, em tempos de festas, se reúnem para as rezas e trocas sociais.

Dona Marina Rodrigues Lacerda, moradora há 38 anos em Jerônimo, conta das celebrações importantes para a comunidade. Uma dessas celebrações consistia na guarda da Bandeira de São Sebastião, realizada pelos moradores em suas próprias residências. Esse compromisso ocorreu durante muitos anos e no dia anterior à festa, 19 de janeiro, a bandeira saía da comunidade em procissão e era levada até a igreja de São Sebastião, em Nova Soberbo, para continuidade dos ritos. Durante a procissão, que durava cerca de 40 minutos, os fiéis devotos caminhavam rezando o terço da misericórdia e entoando cantos, com pausas para descansar.

Outras celebrações incluíam a novena dedicada à Nossa Senhora Aparecida, que ocorria no mês de outubro em frente ao oratório dedicado à Nossa Senhora das Graças – adotada como padroeira da comunidade de Jerônimo, e cuja própria novena acontece em novembro, no mesmo local. O oratório fica situado no início da via de acesso à comunidade de Jerônimo. No Natal também eram realizadas as novenas nas casas dos moradores.

A pandemia de Covid alterou todas essas ações, que agora prescindem de voltar à normalidade!

Segundo Dona Marina, uma tradição que se mantém como o momento mais importante da localidade é a missa para Nossa Senhora das Graças. Acontece, todos os anos, em sua residência, em data móvel, próxima do dia 27 de novembro, quando se comemora a padroeira. Dona Marina e sua família recebem a comunidade e, depois da celebração, oferecem um lanche de confraternização.

Dona Marina fala com satisfação desse momento:

– É muito bom! Nó! É a coisa mais linda... Então, deixa aquela saudade, muito gostosa!”

A poucos metros da entrada para Jerônimo, nas proximidades da residência de Dona Marina, um oratório dedicado à padroeira da localidade, pintado na cor azul, é o local de fé e religiosidade dos devotos de Nossa Senhora das Graças. O local é simples, singelo! Flores compõem a paisagem e um Cruzeiro faz presença junto à Santa, compondo este espaço Sagrado no caminho!



Chás que aliviam, artesanato que encanta, rezas que protegem... ... Tradições em Jerônimo!

Dona Marina, 61 anos, tem conhecimento das plantas medicinais e faz chás para alívio das dores. Em sua casa, ela explica como faz seus chás e xaropes..

– Todo tratamento natural é muito melhor que esses tratamentos de farmácia, né?"

Aprendeu com a sogra, Dona Maria de Paula Lima, e sua mãe, Dona Geralda Rodrigues, hoje com 86 anos. As plantas, ela cultiva em casa. Tem hortelã, boldo, alfavaca ... e estomazil; e *evamor*, que é um chá bom para dormir; tem ainda poejo e camomila. O xarope ela faz com umbigo de banana ou abacaxi.

Tem remédio para banhar feridas – a erva de Santa Maria –, que Dona Marina explica:
– *É boa para muita coisa... expulsão de verme das crianças... boa pra fazer “emplasto”.*

Tem a babosa, para aliviar a dor e ajudar na cicatrização, e a folha da goiaba, para dor de barriga. Pariri e São Caetano são bons para gripe!

Ela faz seus chás há muitos anos, e explica:

– *Cê apanha um punhado e põe na água fervendo, tampa e desliga o fogo! ... Quando eu tô com suspeita que as crianças estão com febre, qualquer coisa, aí eu já faço o chá com água fresquinha!*

O quintal da casa tem todo tipo de planta. As misturas para os chás estão ali, fáceis da apanhar:

– *É só uma corridinha lá, e pronto! E o chá logo fica no jeito!”*

O alívio chega com uma caneca do líquido quentinho, com o qual, com carinho, Dona Marina cuida dos seus e de todos que precisarem!



O artesanato também é uma forma de Dona Marina expressar seus conhecimentos. O ofício de tecer o crochê e confeccionar bordados ela aprendeu com a mãe e suas avós.

Em Jerônimo, esse saber/fazer vem proporcionando o encontro entre mulheres, uma troca que as beneficia ao compartilhar saberes, mas também apoio, companhia e solidariedade. Assim, mantêm a tradição cultivando vínculos e afetos, e ainda consolidam formas de geração de renda por meio da comercialização dos produtos artesanais.

Os conhecimentos são repassados oralmente. Entre pontos e conversas, as mulheres da comunidade trocam experiências, receitas e saberes. Juntam suas referências culturais e, nos seus fazeres artesanais, contam histórias de vida! Em torno do ofício de tecer estão construindo identidade, esperanças de ganhos financeiros e reconhecimento de trabalho!



Adentrando o território de Jerônimo, em uma área onde há um agrupamento de casas, mora Dona Maria das Graças Vieira Melo, conhecida como “Maria de Cezário”. Na região, ela é conhecida por seu “dom de benzer”, e em sua casa recebe as pessoas que vão lhe pedir oração.

Sentimento, mau-olhado, espinhela caída, cobreiro, destroncado e dor de cabeça. Benzer “a dor de cabeça” tem um ritual próprio... Tem que ser pela manhã, quando o sol está nascendo; precisa ser três vezes; se não der certo, então precisa ser sete. Põe no alto da cabeça uma garrafa cheia de água virada pra baixo, em cima de um pano branco, e faz as orações.

Dona Maria esclarece:

–Se eu peguei meu compromisso... eu vou em frente... A pessoa pediu... Fazer o bem não se olha a quem... Não tem hora, né?”

“Sentimento” tem dia certo: é na primeira sexta-feira da minguante. Tem simpatia para fazer junto...

Benzer de sentimento é para criança, de dez anos para menos.

E conclui:

– Primeiro, Deus ... e a fé... Se não tiver fé, não vale nada, não.

Dona Maria, assim como muitas outras Marias, Aparecidas, Lourdes... todas essas senhoras são pequenas luzes que vão iluminando o caminho, mantendo as práticas antigas, costumes e culturas que unem passado e presente!

O trabalho do bem pelo bem!



Os usos da terra



Os usos da terra em Jerônimo repetem os mesmos processos de todas as outras comunidades de Santa Cruz do Escalvado: privilegiam a criação de gado, deixando para trás todas as lavouras que um dia predominaram no território.

São muitos os pastos, e algumas plantações de eucalipto também. No passado, o plantio de cana-de-açúcar e de milho era comum na região; hoje ainda são cultivados pela comunidade, mas de forma restrita aos quintais. Quintais cujas árvores frutíferas e hortas fazem parte da paisagem do local. Limão, laranja, mangas e abacateiros, e uma fruta típica da região, chamada “eugênia”, pés de cana-de-açúcar e bananeiras, além de plantas medicinais para o preparo dos chás, são comuns em todo o território de Santa Cruz do Escalvado.

Um campo de futebol também faz parte a paisagem de Jerônimo, embora ali o futebol tenha ficado no passado. A comunidade chegou a ter um time e participar de campeonatos locais. Hoje, o campo é utilizado de forma mais limitada, voltado para outras atividades de lazer e aos encontros dos moradores locais.





TERRITÓRIOS &
REFERÊNCIAS CULTURAIS



COMUNIDADE DE VIANA

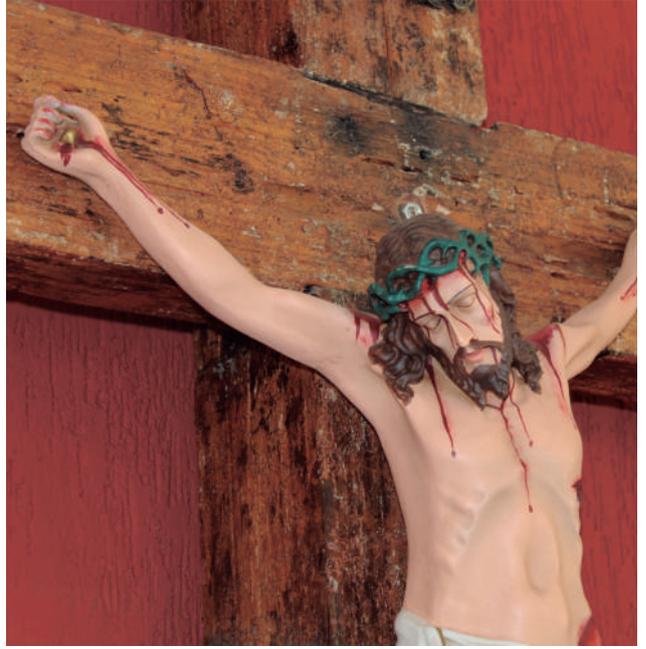
Município de Santa Cruz do Escalvado



A comunidade de Vianaonde nasce o rio Doce!

A Comunidade de Viana tem raízes que remontam ao século XVIII, às margens do Rio Doce, onde ocorre a confluência dos rios Carmo e Piranga. Neste cenário surgiram as fazendas dedicadas tanto à agricultura, abrangendo o cultivo de arroz, milho, café e cana-de-açúcar, quanto à criação de gado. A criação de suínos, caprinos e rebanhos bovinos também fez parte, ao longo dos anos, do contexto histórico e econômico de Viana. Por longo tempo, existiu em Viana uma fábrica destinada à produção de tijolos para a construção civil, e o marco que evidencia essa época ainda pode ser visto na paisagem: uma grande chaminé construída em tijolos, logo na entrada, à esquerda de quem chega à comunidade.

Viana foi um território de muitas manifestações culturais, que atravessaram o tempo e fizeram parte da identidade e do cotidiano de seus moradores, como as celebrações religiosas, com destaque para a festa de Santa Cruz, e as festas profanas, com os animados bailes e forrós, lembrados pelos moradores como momentos de alegria e descontração.



A Capela de Santa Cruz e as Festas Religiosas

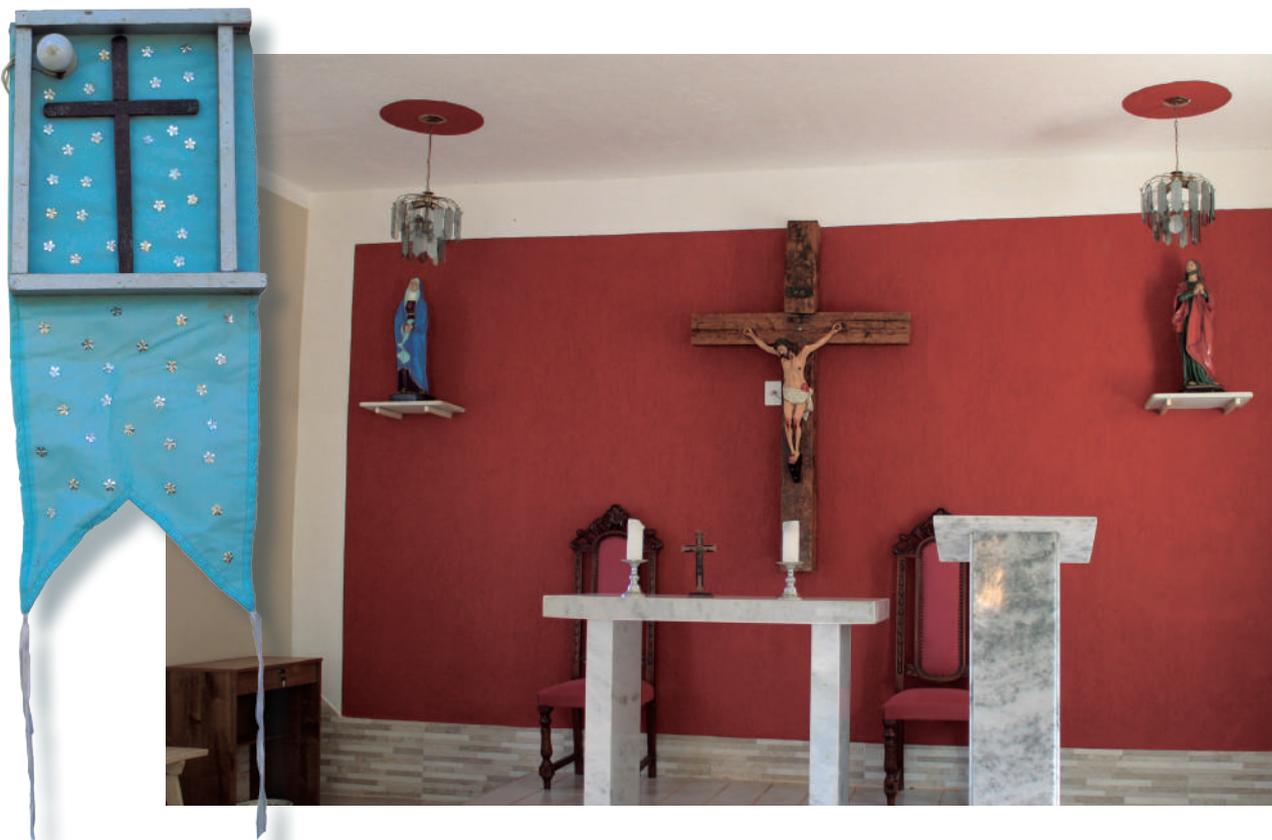


A Capela, em Viana, é dedicada a Santa Cruz e sua festa foi, durante muito tempo, uma tradição forte na comunidade. Em seu interior ainda se preserva uma cruz de madeira, muito antiga, que segundo os moradores foi o primeiro marco da religiosidade local.

A cruz que está no altar foi o antigo Cruzeiro, que existia antes da construção da Capela. Era a seus pés que todos os rituais aconteciam e a comunidade exigiu que ele fosse preservado.

A festa para Santa Cruz sempre foi um grande acontecimento em Viana, que há algum tempo está adormecida, mas nem um pouco esquecida pelos moradores. Segundo depoimentos, era o momento que reunia toda a comunidade com muita animação, na realização dos leilões, durante os dias da novena. Em cada leilão tinha penca de banana, bandeja de frango com arroz, bolos, garrafas de vinho, tudo doado pelas pessoas da comunidade para o evento.

No dia de Santa Cruz, 03 de maio, acontecia, além da missa, bingo, procissão, encontro de todos os moradores. O dia 02 era marcado pelo levantamento da bandeira, guardada ainda hoje com carinho pela comunidade. Segundo Dona Aparecida, conhecida como Dona Cidinha, "a bandeira era toda enfeitada com flores de papel crepom pelas mulheres ..."



Ainda hoje é mantida a tradição de cada família enfeitar sua cruz e levar à igreja para ser abençoada. Depois, esta cruz é colocada na fachada das casas para proteção de seus moradores.

A novena para Nossa Senhora Aparecida também é uma tradição na comunidade de Viana. Segundo Dona Aparecida, no dia 12 de outubro algumas pessoas da comunidade descem em procissão com a imagem de Nossa Senhora Aparecida e seguem da capela em direção ao oratório dedicado à padroeira, que fica na estrada às margens do rio. Lá, rezam e completam esse ritual de fé.

A novena de preparação para o Natal, outra tradição que se mantém viva na comunidade, fecha o calendário anual de celebrações de Viana. Durante os nove dias, os fiéis se reúnem para a reza do terço e no dia 24 de dezembro, na capela de Santa Cruz, a novena se encerra com a “partilha”, um momento de confraternização. Nesse dia, após o momento de orações, todos ceiam juntos, celebrando o “nascimento do Menino Jesus”.

Segundo relatos, antigamente as rezas aconteciam nas residências. Realizava-se um sorteio para escolha de qual família ficaria responsável por receber a novena em casa. As casas escolhidas eram cuidadosamente preparadas, em um ritual programado e repleto de significados e simbologias. Fato curioso e importante era, em cada local, ser imprescindível a existência de uma Bíblia sempre aberta, e ao lado uma vela vermelha acesa, junto de uma pequena manjedoura vazia. No último dia da novena, ao iniciar as orações, a manjedoura recebia o Menino Jesus, conforme a tradição.



Atualmente, na Capela de Santa Cruz, as missas acontecem uma vez por mês, representando um importante momento de encontro dos moradores católicos. A Capela é muito singela, simples e bem cuidada. As festas são poucas e a comunidade se mantém unida em suas crenças e esperanças.

Saberes e fazeres ainda preservados. O morador e o rio ... ofícios de faiscação e pesca



Os moradores de Viana tinham uma relação muito estreita com o rio. Dele extraíam ouro, areia, cascalho e pedras para construção, além de aproveitar seus recursos para pescar e desfrutar de momentos de lazer. A relação da comunidade era intensa e direta com tudo o que o rio oferecia. Lavavam roupa no rio, faziam piqueniques, pescavam e vendiam os peixes das variadas espécies ali encontradas, como cascudo, piau, bagre, dourado, traíra, cará e lambari.

A faiscação era também um ofício muito comum. Segundo o senhor José Gonçalves, 62 anos, morador de Viana, ele passava o dia nas margens do rio. Foi faiscador, pescador e ainda tirava areia para vender. Ele conta:

– Tinha dia de pegar 10 quilos de cascudo ... Qualquer coisinha do rio era renda pra nós... O rio era tudo... a gente vivia dele. Era a vida!

Para a faiscação, Seu José fazia uma banca de madeira, nela colocava um tapete, jogava em cima a terra tirada das margens do rio e lavava. O cascalho e a areia saíam e ficava o ouro grudado. Batia numa bateia grande, lavava com água e sobrava a areia e o ouro, ia bateando e a areia saía e só sobrava, no fundo, o precioso e reluzente metal. Para o comércio do ouro tinha pessoas que compravam, tanto em Rio Doce como em Ponte Nova. Existiam os mestres ourives na região.

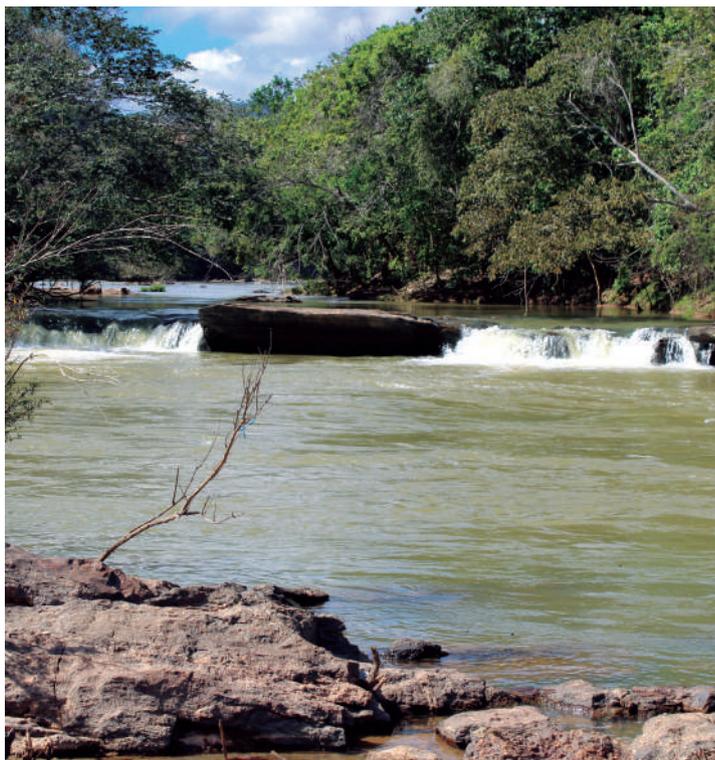
Seu José explica que, no começo, antes de faiscar, tirava sua “prova”:

– *Se tinha uns 10 potinhos de ouro ...era uma provinha boa!*

Era assim: ia na beira do rio, com uma pá tirava areia e na banca testava; se tivesse uma provinha boa, começava a trabalhar... Aí ficava naquele lugar até quando iam diminuindo os vestígios de ouro. E aí ele ia para outro lugar...

Para explicar a relação com o rio, Seu José, que passou sua vida junto às águas do rio Doce, recorda:

– *A emoção era muita! Salvava a semana... O rio era amigo... Ia tirar ouro e armava a rede e aí a gente colhia o ouro e ainda pegava o peixe... Fazia dinheiro de todos os jeitos... O rio era bom demais! Nossa! A gente bebia água do rio... A gente ia no tombo da água... aquela água clarinha... Aí a gente bebia ela!*



O artesanato em taquara - tecendo balaios, peneiras...



O artesanato em taquara é uma tradição preservada há várias gerações. O senhor Geraldino Martins Nunes, morador de Viana, aprendeu o ofício de tecer tramas com a taquara quando tinha dez anos, com seu pai, Severino Pedro Nunes, que também lhe ensinou o ofício de pedreiro e de carpinteiro.

O ofício de fazer balaios e peneiras acompanha o período de fundação do município de Santa Cruz do Escalvado. As atividades agrícolas nas fazendas demandavam o uso frequente de balaios para recolher e armazenar grãos. Esses balaios, tecidos em diversos tamanhos e para diversas funções, eram empregados tanto para uso doméstico quanto na colheita. Já as peneiras serviam para a limpeza dos grãos, para peneirar o fubá e ordenar o trabalho.

O senhor Geraldino se encantou com o saber/fazer balaios, e transmitiu seu conhecimento para outras pessoas, principalmente para seus filhos. Segundo ele, a técnica utilizada para entrelaçar a taquara, até hoje, é a mesma ensinada por seu pai. A produção de balaios foi fundamental para ampliar a renda da família. Atualmente, de acordo com o senhor Geraldino, a taquara está muito difícil de encontrar. No entanto, ele ainda consegue essa matéria-prima nos poucos bambuzais que ainda restam no meio do mato, em locais mais afastados. A colheita do bambu exige atenção e cuidados: não pode ser colhido nem muito verde, nem muito maduro.



Antes de ser usado para a produção de balaios ou peneiras, o bambu colhido na mata passa por um tratamento especial: é cortado e desfiado em tiras, formando as taquaras. Depois, retira-se o miolo com muito cuidado. Apenas a parte externa é utilizada. Todo o conhecimento deve ser seguido e respeitado nos detalhes! Tudo é importante!



O ofício da “benzeção”



O Ofício da Benzeção pode ser encontrado em todo o território, ao longo das planícies e baixadas dos rios Gualaxo, Carmo e Doce, onde se desenvolveram as comunidades que foram atingidas de diferentes maneiras pelo rompimento da barragem de Fundão. Em cada localidade tem sempre alguém que “reza no outro” – forma como muitos benzedores ou benzedoras descrevem o ato da “benzeção”.

Cada benzedor ou benzedora possui uma maneira própria de realizar suas rezas e seus processos de “cura”. Os meios – os elos entre quem benze e quem é benzido – têm na imposição das mãos e na oração silenciosa a base e o guia que a tudo orienta. Mas há também as brasas no copo d’água, os galinhos de plantas, como arruda ou guiné; pode ter agulha, linha e um paninho para “cozer” ... As formas de benzer são tantas quanto são os tipos de males. E o que cura... é a fé.



Na comunidade de Viana, Dona Maria de Guedes, moradora das margens do rio Piranga, bem próximo do lugar onde este se encontra com o rio Carmo, tem o dom e recebe quem a procura em sua casa para benzer do que for preciso.

Ela explica:

– *Mau-olhado e quebrante se benze com brasas... “impige” com ramo e destroncado com paninho e linha.*

Espinhela caída, dor de cabeça, sapinho ou dor de barriga de criança, também benze. As mães, mais atentas para algum “mal da criança”, correm lá para um cuidado extra e Dona Maria de Guedes, com seu jeito de acolhimento e préstimos, atende cada uma rezando “na criança” para tudo ficar bem.

Dona Maria de Guedes conta que, para benzer com brasas, tem que colocar três, ou sete, ou nove brasas num copo com água. Ao lado do fogão a lenha, ela vai rezando e colocando as brasas no copo d’água. Se elas vão afundando, vai colocando até chegar às nove; depois a pessoa benzida toma 3 goles dessa água e o ritual se completa na porta da casa, quando a água é jogada fora, pelas costas.

– *Para ser benzida, precisa acreditar!* – ...palavras de Dona Maria, que recebe e reza em quem vai lá, à sua casa, à procura da “benzeção”.

O Ofício da Benzeção em comunidades como Viana é uma forma de resistência, que segue oferecendo respostas a questões que a lógica da modernidade não consegue satisfazer. Por seus significados e por tudo o que representa de importante enquanto saber passado e presente, protegido por gerações, merece reconhecimento, valorização e preservação!





**TERRITÓRIOS &
REFERÊNCIAS CULTURAIS**



COMUNIDADE DE LIMOEIRO

Município de Santa Cruz do Escalvado



O rio, o caminho, a esperança... Chegou Limoeiro!

Em todo o território pertencente aos municípios de Rio Doce e de Santa Cruz do Escalvado, o rio Doce é a maior presença e seu curso segue margeando as terras e a vida dos moradores de toda a região. Essas comunidades compartilham práticas, saberes e fazeres que traduzem uma ancestralidade da relação com o curso d'água.

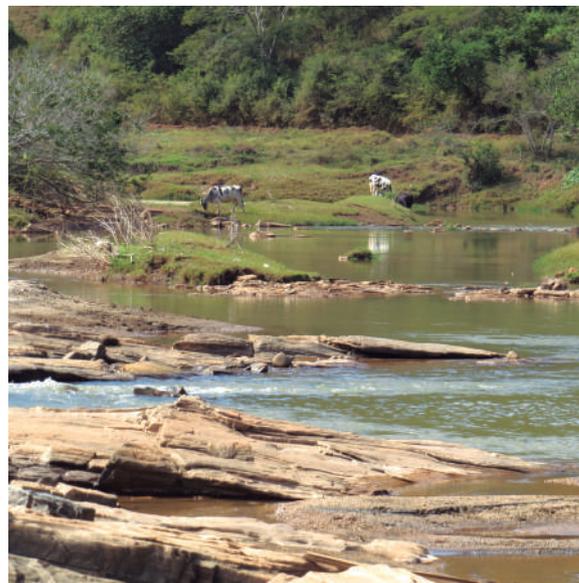
A comunidade de Limoeiro existe a partir do rio; ele é o coração do lugar e seu curso é o caminho. Tudo está diretamente relacionado com o rio: a cultura, os costumes, o lazer, a contemplação; os modos de ser e de viver. Coexistir com o rio é a condição primeira! Limoeiro é o rio, e sem ele a comunidade se perde no vazio do existir!

São poucas casas, todas próximas ao rio. Os moradores, que viviam em função do rio, agora esperam que o futuro traga novamente a saúde e a redenção!

A via que corta Limoeiro segue o curso do rio. Era esse um dos caminhos mais percorridos por pescadores e faiscadores, à procura dos tesouros que o rio tinha a oferecer. Em torno do rio, pequenas ilhas, árvores em abundância, pastos e as poucas casas com seus quintais compõem a paisagem local.

A relação com o rio Doce...

Conhecimentos tradicionais!



Adão Lana, nascido e até hoje morador da beirada do Rio Doce, conta sua vivência:

– A vida foi sempre muito junto do rio mesmo... Desde pequeno tinha a cultura de minha mãe nos levar pra pescar.

Seus pais, Dona Francisca Lima de Lana e Seu Lucas Lana Mayrink, iam com a família pescar na beirada do rio. Era a diversão!

Na juventude, veio o ofício do garimpo. Desde muito cedo começou a mergulhar à procura de ouro. Passava quase todo o dia nesse fazer, que virou seu trabalho e sustento da família.

– Comecei a mergulhar com dezessete anos ...e até os quarenta anos mergulhei!

A forma de buscar o ouro era feita com uma draga; tinha compressor, roupa de mergulho, ar comprimido e uma “chupeta” para tirar o cascalho do fundo do rio. Às vezes, a profundidade chegava a 20 metros; trabalhava no escuro e os muitos perigos eram a constante do dia a dia.

– Tinha dia que eu ficava, por incrível, dez horas no fundo do rio... Nesses lugares tinha ouro!

O garimpo de mergulho dava boa renda. Às vezes, passava tempos sem achar nada, ou pouca coisa, mas tinha momentos que encontrava bastante ouro e o ganho era muito bom.



A “faiscação” também foi uma forma diária de lida com o rio para muitos moradores e moradoras. Era feita na beira do rio, tirando o cascalho com uma pá, e aos poucos ia lavando numa banca de madeira forrada com carpete.

– Para lavar o ouro, vai jogando água no carpete com um balde e os fagulhos de ouro agarram. Só sai a areia... Depois, põe na bateia e com ela apura o ouro... Gostoso ver tudo amarelo na bateia!... Esse garimpo era mais empolgante!... Ocupava o tempo, cê não pensava em outra coisa... Cê tava garimpando mesmo!”

Assim Adão Lana descreve sua experiência com os processos de garimpagem e faiscação de ouro no rio Doce, num tempo em que tudo isso era possível acontecer!

A pesca também foi uma atividade constante na vida dos moradores de Limoeiro. Do rio tiravam muitos peixes: era dourado, piau-vermelho, cascudo... Chegavam a pescar de 10 a 12 quilos de peixe num dia! Vendiam e era também o alimento das famílias.

O Clube Florestinha...

Tempo de lazer em Limoeiro



Em Limoeiro, durante um período longo – 2000 a 2015 –, as atrações culturais e atividades de lazer eram promovidas no *Clube Florestinha*, que teve no turismo sua atividade principal.

O estabelecimento teve seu início no ano de 1999 e se tornou, ao longo do tempo, um ponto de encontro de pescadores da região. Com os anos e muito investimento da proprietária, Rosane Gomides, o negócio cresceu, adquiriu fama e passou a ser um dos principais empreendimentos de lazer da região. Com bar, ampla área de lazer com piscina e, mais recentemente, a pousada, o *Clube Florestinha* passou a atrair moradores, turistas e visitantes, especialmente pescadores, que tinham Limoeiro como o lugar onde a pesca é garantida.



O crescimento do fluxo de pessoas permitiu mais investimentos e mais transformação para o *Clube Florestinha*. Foi construído pela proprietária um conjunto de casas para locação, área de *camping*, campo de futebol, poço de peixe, parquinho para crianças, área de churrasqueira, restaurante e bar com uma mesa de sinuca. Oferecia também café da manhã, almoço e jantar. Além disso, os pescadores podiam alugar barco e material de pesca. O local passou a ser ponto de reuniões e socialização das comunidades e de distritos próximos, como Nova Soberbo, Jerônimo, Viana, Porto Plácido e municípios mais distantes.

O *Clube* foi palco de vários eventos e comemorações durante anos, o que foi significativo para Li-moeiro. Ainda é uma referência e possibilidade de lazer cultural para a comunidade e seu entorno.

... e a vida segue, na companhia do rio...

A comunidade de Limoeiro mantém seu ritmo tranquilo, sempre na companhia do rio. Cabras, vacas leiteiras e pequenas produções agrícolas definem o ambiente, criando uma atmosfera que respira natureza e reflete a riqueza e simplicidade da vida diária de seus moradores.





Hoje, poucas pessoas vivem em Limoeiro. A paisagem é fascinante. O rio? Belo, impactante, segue seu curso... não espera! A cura chega devagar...



**TERRITÓRIOS &
REFERÊNCIAS CULTURAIS**

GLOSSÁRIO

BEM CULTURAL – Um bem cultural é um produto da cultura ou uma manifestação da dinâmica cultural que merece proteção devido ao valor e significado que detém para um grupo específico, uma comunidade ou sociedade. Esses bens podem ser classificados como de natureza material - tangíveis e identificáveis por sua forma física, abrangendo edificações, móveis e objetos; ou de natureza imaterial - relacionados a práticas sociais, como saberes, ofícios, celebrações, expressões artísticas e lúdicas, bem como locais que abrigam manifestações culturais coletivas, como mercados, feiras e santuários¹.

CULTURA – “(...) conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças” (UNESCO, 2001).

COSTUMES – Hábito, prática cotidiana, modo de pensar e agir característico de pessoa ou grupo social. São regras sociais resultantes de uma prática reiterada de forma generalizada e prolongada em cada sociedade e cultura específica que, com o passar do tempo, acabam por se tornar prática comum enraizada na cultura social. No âmbito do Direito, os costumes são as ordens sociais racionais e contemporâneas, que servem como fonte da criação de algumas leis que regem a conduta da sociedade.

DIVERSIDADE CULTURAL – “... refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades. A diversidade cultural se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o patrimônio cultural da humanidade mediante a variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados” (UNESCO, 2005).

¹ Disponível em portal.iphan.gov.br. Acesso em ago/2023.

ESTILO ARQUITETÔNICO COLONIAL – É o estilo difundido durante o período colonial brasileiro (1530-1815), onde os materiais e o processo de construção apresentam identidades específicas e marcantes. Muitos desses prédios apresentam características barrocas ou neoclássicas. Os nomes de destaque em Minas Gerais são Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e Manuel da Costa Ataíde, que influenciaram profundamente a arquitetura que se desenvolveu em todo o território. No período colonial, além das expressões arquitetônicas, houve um florescimento das artes plásticas, incluindo escultura e pintura, juntamente com a composição musical destinada às celebrações religiosas e festividades. E a tradição perdura até os dias atuais, mantendo-se viva em todo o interior do estado.

IDENTIDADE – É tudo o que diferencia e identifica uma pessoa, um grupo social, político, étnico, religioso e outros. Os marcos do passado constituem parte da memória social e da identidade cultural das comunidades. O passado solidifica a identidade presente e permite o vislumbre do futuro. Não existe identidade sem passado.

IEPHA-MG – “O Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico- Iepha-MG- é uma fundação vinculada à Secretaria de Estado de Cultura que atua no campo das políticas públicas de patrimônio cultural”. É função do Instituto pesquisar, proteger e promover os bens culturais de natureza material e imaterial de Minas Gerais, em parceria com os órgãos municipais e federal. Além de acompanhar e realizar obras de restauração de bens culturais, o Iepha-MG implementa ações de cooperação municipal, por meio do ICMS Patrimônio Cultural, e produz inventários, dossiês de registro e tombamento, bem como promove ações de salvaguarda do patrimônio de Minas Gerais².

INVENTÁRIOS – Para o Patrimônio Cultural, inventariar os bens significa produzir um conhecimento que necessariamente parte do estabelecimento de critérios, pontos de vista e recortes sobre determinados universos sociais e territoriais. São modos de produção de conhecimento sobre bens culturais para identificá-los e valorizá-los como patrimônio cultural. Trata-se de um instrumento que permite conhecer a fundo um bem cultural, seja de natureza material ou imaterial, e que auxilia nas políticas de preservação do patrimônio cultural.

IPHAN – O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é uma autarquia federal vinculada ao

² Disponível em iepha.mg.gov.br. Acesso em ago/2023.

Ministério da Cultura, responsável pelas políticas nacionais de patrimônio cultural. Com autonomia técnica, administrativa e financeira, o IPHAN possui representações em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal—as chamadas Superintendências Estaduais—, além de 27 Escritórios Técnicos.

MEMÓRIA – Lembranças, reminiscências, vestígios. Aquilo que serve de lembrança. A memória permite a construção da identidade individual e coletiva. Estabelece a relação entre o passado e o presente e permite vislumbrar o futuro. Por ser um elemento vivo, a memória está sujeita a modificações e alterações.

NÚCLEOS HISTÓRICOS – Espaços onde é possível vivenciar as transformações no país, estados e cidades ao longo do tempo. Através da preservação de expressões próprias de cada período histórico, as cidades, com seus núcleos históricos, representam as referências de ocupação humana. São lugares importantes, que compõem o Patrimônio Cultural.

ORATÓRIO – Mobiliário – nicho, ou pequeno altar, que contém imagens de santos, destinado à devoção. Desde os tempos coloniais se espalharam pelas fazendas, senzalas e todo tipo de residência. Ainda nos dias de hoje é um local nas casas onde as pessoas realizam suas orações.

PAISAGEM CULTURAL – A paisagem cultural é sempre compreendida como um espaço abrangente que engloba elementos materiais construídos associados a morfologias e processos naturais específicos, vinculados a conteúdos e significados socialmente atribuídos. Ela carrega “a marca das diferentes temporalidades da relação dos grupos sociais com a natureza, aparecendo, assim, como produto de uma construção que é social e histórica e que se dá a partir de um suporte material, a natureza. A natureza é matéria-prima a partir da qual as sociedades produzem a sua realidade imediata, através de acréscimos e transformações a essa base material” (SCIFONI, 2016, s/p.).

PATRIMÔNIO CULTURAL – O patrimônio cultural surge das referências culturais profundamente enraizadas na história de um grupo, transmitidas através das gerações. É sempre coletivo, ligando as pessoas em torno de uma história, construções, celebrações ou lugares de significado compartilhado e que carregam o desejo de compartilhar essas referências com as gerações futuras. Dentro da cultura de um lugar, certos elementos ganham o *status* de patrimônio cultural devido à sua importância e significado. Eles se tornam representativos do grupo, conferindo identidade. O patrimônio cultural costuma ser tão

arraigado na vida das pessoas que muitas vezes sua importância é difícil de expressar, mas sua ausência seria sentida. Exemplos: paisagens locais, práticas culinárias, celebrações tradicionais, danças, músicas e brincadeiras. Como aponta Cecília Londres, "Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia" (IPHAN, 2012, p.5).

PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL – Diz respeito aos bens físicos, tangíveis, produzidos pela ação do homem. Segundo o Decreto Lei nº 25/1937, é o conjunto de bens culturais móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos do passado importantes para a história do Brasil, quer por seu excepcional valor arquitetônico, arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL – Diz respeito a todos aqueles processos que definem as formas de ser e de viver dos grupos, suas identidades sociais, visões de mundo, memórias coletivas, elementos simbólicos, saberes e práticas.

Algumas categorias: celebrações, saberes e ofícios, formas de expressão, lugares.

REGISTRO – Instrumento de proteção e preservação dos bens culturais imateriais criado pelo governo brasileiro por meio do Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000. São 4 os livros de "Registro de Bens culturais de Natureza Imaterial": Livro de Registro dos Saberes; Livro de Registro das Celebrações; Livro de Registro das Formas de Expressão e Livro de Registro dos Lugares. Assim como o instituto do tombamento, o registro pode ser aplicado em níveis federal, estadual ou municipal, com suas respectivas legislações.

REPARAÇÃO – Medidas de reconstrução, recuperação e reabilitação dos danos causados direta ou indiretamente por um desastre, que pode ser de natureza ambiental, climática ou tecnológica, quando é requerida a adoção de estratégias que visem o "reconstruir melhor", evitando o surgimento de novos riscos, reduzindo os já existentes e desenvolvendo formas de compensar as perdas materiais, econômicas e sociais das comunidades e indivíduos atingidos.

SALVAGUARDA – O termo “salvaguarda” remete à ideia de proteção ou garantia. No campo do patrimônio, refere-se a toda e qualquer ação ou processo destinado à preservação dos bens culturais de natureza imaterial, incluindo a identificação, documentação, investigação, preservação, proteção, promoção, valorização e transmissão³. O termo tem equivalência com a noção contemporânea de preservação, que visa a garantir a viabilidade do bem cultural.

SÍTIOS NATURAIS – Áreas de importância natural e cultural, cujo manejo está intimamente relacionado com os modos de vida das comunidades. Ex.: rios, córregos, cachoeiras, ilhas e praias do rio Doce, além de marcos paisagísticos.

SUSTENTABILIDADE CULTURAL – Sustentabilidade abrange a “promoção do equilíbrio global entre as condições ambientais, sociais, culturais e políticas, considerando as variadas sociedades humanas”. Sustentabilidade cultural, por sua vez, é alcançada quando o bem registrado está inserido em circunstâncias sociopolíticas e ambientais apropriadas, sem ameaças diretas que afetem sua produção, reprodução e transmissão (BRASIL, 2012, p.53).

TOMBAMENTO – O tombamento foi instituído em nível federal pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, sendo um dos principais instrumentos jurídicos oficiais de proteção do patrimônio cultural que podem ser feitos pelos governos federal, estadual e municipal, com suas respectivas legislações. Em função do interesse público, o instituto do tombamento tem por objetivo garantir, em caráter obrigatório, a preservação de bens materiais, públicos ou privados, aos quais se atribui valor cultural para a comunidade na qual estão inseridos.

TRADIÇÃO – Palavra com origem no termo em latim *traditio*, ou o ato de transmitir, passar adiante. A transmissão oral de fatos, conhecimentos, de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças e lendas de idade para idade, de geração para geração.



³ Disponível em: unesco.org. Acesso em jul/2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Entrevistas:

ENTREVISTA concedida por Adão Lima de Lana a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Santa Cruz do Escalvado/Comunidade Limoeiro /MG. UNESCO/Fundação Renova. Abril/2023.

ENTREVISTA concedida por Angelito Gomes de Miranda a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Santa Cruz do Escalvado/Comunidade Sagrada Coração de Jesus/ MG. UNESCO/Fundação Renova. Março/2023.

ENTREVISTA concedida por Geraldo Luís a Maria Alice Braga para o projeto - Cartilha “Territórios & Referências Culturais” – Santa Cruz do Escalvado/ Comunidade Sagrado Coração de Jesus /MG. UNESCO/Fundação Renova. Março/2023.

ENTREVISTA concedida por Maria Aparecida a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Santa Cruz do Escalvado/Comunidade Viana. UNESCO/Fundação Renova. Abril/2023.

ENTREVISTA concedida por Maria Aparecida Silva Santos a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Santa Cruz do Escalvado/Comunidade Pedra do Escalvado/MG. UNESCO/Fundação Renova. Março/2023.

ENTREVISTA concedida por Maria das Graças Vieira Melo a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Santa Cruz do Escalvado/Comunidade Jerônimo/MG. UNESCO/Fundação Renova. Abril/2023.

ENTREVISTAS concedidas por Maria de Guedes a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Santa Cruz do Escalvado/Comunidade Viana /MG. UNESCO/Fundação Renova. Março-Abril/2023.

ENTREVISTA concedida por Maria de Lourdes Tuzi Pereira a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Santa Cruz do Escalvado/Distrito de Nova Soberbo/MG. UNESCO/Fundação Renova. Abril/2023.

ENTREVISTA concedida por Maria Terezinha de Lana Carraro a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Santa Cruz do Escalvado/ Distrito de Nova Soberbo/MG. UNESCO/Fundação Renova. Abril/2023.

ENTREVISTA concedida por Marina Roseli de Lacerda a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Santa Cruz do Escalvado/Comunidade Jerônimo/MG. UNESCO/Fundação Renova. Março/2023.

ENTREVISTA concedida por Marta da Silva Barreto a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Santa Cruz do Escalvado/ Distrito de Nova Soberbo/MG. UNESCO/Fundação Renova. Abril/2023.

ENTREVISTA concedida por Nélio Toríbio da Silva a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” – Santa Cruz do Escalvado/Comunidade Sagrado Coração de Jesus /MG. UNESCO/Fundação Renova. Março/2023.

ENTREVISTA concedida por Rafael Silvino a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Santa Cruz do Escalvado/Distrito de Nova Soberbo/MG. UNESCO/Fundação Renova. Março/2023.

ENTREVISTA concedida por Rosemary Ezequiel de Barcelos a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais”, Santa Cruz do Escalvado/Distrito de Nova Soberbo/MG. UNESCO/Fundação Renova. Março/2023.

ENTREVISTA concedida por Silvino Palhares Oliveira a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Santa Cruz do Escalvado/Distrito de Nova Soberbo/MG. UNESCO/Fundação Renova. Março/2023.

ENTREVISTA concedida por Venceslau Cândido da Silva e esposa, Maria Silva, a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” - Santa Cruz do Escalvado/Comunidade Pedra do Escalvado/MG. UNESCO/Fundação Renova. Março/2023.

ENTREVISTA concedida por Zenilda José Gomes Rodrigues a Maria Alice Braga para o projeto Cartilha “Territórios & Referências Culturais” – Santa Cruz do Escalvado/Comunidade Sagrado Coração de Jesus/ MG. UNESCO/Fundação Renova. Março/2023.

Bibliografia:

ARANTES, Antônio Augusto (organização). *Produzindo o Passado: Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural* – Texto II – Eunice Ribeiro Durham, p. 24 a 58 – Ed. Brasiliense.1984.

BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural - 2010. Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural - *Plano Setorial para as Culturas Populares/MinC/SCC* - Brasília, 2012. 100 p.

CUNHA, Celina Gontijo. *A Prática da Benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. 2018.

EXPRESSÃO SOCIOAMBIENTAL. Diagnóstico e Avaliação de Impactos em Mariana – Turismo, Cultura, Esporte e Lazer – Expressão socioambiental – Pesquisa e Projeto. Mariana, s/d, 324p.

FLORÊNCIO, Sônia R. Rampim *et al.* *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília: Iphan, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf. Acesso: maio/junho.2023.

FORTUNA, Carlos. *Patrimônio, turismo e emoção*. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 97, p. 23-40, 2012.

FUNDAÇÃO RENOVA. Diagnóstico das Referências Culturais (volumes 1 a 4). Mariana, MG, 2022. No pelo.

GUEDES, Maria Tarcila Ferreira; MAIO, Luciana Mourão. Bem cultural. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete)

IPHAN. *Manual de elaboração de Planos de Salvaguarda*. Organização: Aline Miranda, Rafael Belló Klein e Sara Santos Morais. Brasília: Iphan, 2022. 60p. Disponível em: < http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/manual_planos_de_salvaguarda.pdf>. Acesso em mai./23.

_____. *Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Texto e revisão de Natália Guerra Brayner – 3ed., Brasília, DF. Iphan, 2012, 36p.

_____. *Patrimônio imaterial: fortalecendo o Sistema Nacional / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. – Brasília, 2014. 174p.

LONDRES, Cecília. *O patrimônio histórico na sociedade contemporânea*. Disponível em: http://escritos.rb.gov.br/numero01/FCRB_Escritos_1_7_Cecilia_Londres.pdf. Acesso em 14.maio.2023.

LUVIZOTTO, CK. *As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia* [on-line]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-088-4. TEXTO: A (re)invenção da tradição no contexto da modernidade tardia.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Pensar grande o patrimônio cultural*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, São Paulo, v. 3, n. 2, dez. 1986. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451986000300011>. Acesso em: 21 out. 2014.

MOTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. *Inventário* – Artigo. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Inventário%20pdf.pdf>. Acesso: 24.maio.2023.

PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (organização). *Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial*. Fortaleza: Secult: Iphan, 2015. 210p.: il. – (Série Cadernos do Patrimônio Cultural; v.1) ISBN 978-85-7334-273-4 1. Patrimônio Cultural. 2. Educação Patrimonial. 3. Políticas Públicas. I. Pinheiro, Adson Rodrigo S. II. Prefeitura Municipal de Fortaleza. III. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. IV. Título. V. Série.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 1. ed. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN/

DAF/Copedoc, 2015.

SANTA CRUZ DO ESCALVADO. PREFEITURA MUNICIPAL. <http://www.santacruzdoescalvado.mg.gov.br/>. Acesso: fevereiro e março de 2023.

_____. *Inventário de Proteção ao Acervo Cultural; sítios naturais – Conjunto Paisagístico de Pedra do Escalvado*. Levantamento realizado em 2004.

_____. *Inventário de Proteção ao Acervo Cultural Patrimônio Imaterial – Celebrações – FICHA Nº 3 - Festa de Santa Cruz*. 2016.

SÁTYRO MAIA, D. *A Geografia e o estudo dos costumes e das tradições*. Terra Livre, [S. l.], v. 1, n. 16, p. 71–98, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/350>. Acesso em: 7 jul. 2023.

SCIFONI, Simone. *Paisagem cultural*. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete).

TOLENTINO, Átila B. *Educação patrimonial e construção de identidades: diálogos, dilemas e interfaces*. 2019. *Revista CPC*, 14(27esp), 133-148. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v14i27esp133-148>.

UNESCO. *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; Paris, 17 de outubro de 2003. Brasília, 2003. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540POR.pdf>

_____. *Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; Paris, out. 2005.

_____. *Declaração Universal sobre Diversidade Cultural*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; Paris, 2001.

Outros websites pesquisados:

<https://www.significados.com.br/tradicao/>

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126/>

<http://www.iepha.mg.gov.br/>

<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/paisagens-naturais>

<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/79/bem-cultural>

<https://pt.wikihow.com/Rezar-uma-Novena>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura_colonial_do_Brasil



O texto desta Cartilha foi composto em tipografia Titillium Web , corpo 11, predominantemente.
Capa impressa em papel Supremo LD 300g e miolo impresso em papel Couchê Fosco LD 115g.
Impressão - Rede Gráfica | BH | MG | Brasil